

# fundação

isaac asimov

Tradução de Jorge Colaço



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
livros para fugir da rotina



**EM  
MEMÓRIA  
DE MINHA  
MÃE**

(1875-1973)



## **PREFÁCIO**

JAIME NOGUEIRA PINTO **11**

## **PRIMEIRA PARTE**

PSICO-HISTORIADORES **17**

## **SEGUNDA PARTE**

ENCICLOPEDISTAS **61**

## **TERCEIRA PARTE**

AUTARCAS **105**

## **QUARTA PARTE**

COMERCIANTES **167**

## **QUINTA PARTE**

PRÍNCIPES MERCADORES **195**



# PREFÁCIO

(O autor escreve de acordo com a grafia anterior)

**O** meu primeiro contacto com *Fundação* de Isaac Asimov foi no dia 6 de Agosto de 1966. Li o segundo volume da trilogia numa viagem de comboio Lisboa-Porto, acabados os exames na Faculdade de Direito. Sei a data de cor porque nesse dia, sábado, foi inaugurada a ponte sobre o Tejo, então Ponte Salazar, e hoje, por obra e graça da restauração democrática, Ponte 25 de Abril.

Fui no Rápido, embora já existisse o Foguete desde 1953. O Rápido demorava cerca de seis horas, o que me deu para devorar a *Fundação e Império* com a aplicação de um verdadeiro fanático de Sci-Fi. Tinha vinte anos e ia lendo na Argonauta, nas traduções do Eurico da Fonseca, os grandes mestres do género: Robert Heinlein, Clifford D. Simak, A. E. van Vogt, Ray Bradbury. Os editores da Argonauta, que escolhiam alguns dos melhores títulos dos melhores autores, optaram por traduzir primeiro a *Fundação e Império*, o segundo volume da trilogia *Fundação*. Tinham também excelentes capistas — como Lima de Freitas e Cândido Costa Pinto —, que abriam à imaginação do leitor a expectativa de mais sonhos e maravilhas.

A capa de Lima de Freitas para a edição portuguesa da *Fundação e Império* era uma cidade de tons brancos em fundo azul, um céu de crepúsculo ensolarado, onde pairavam uma lua esquecida e uma pequena nave interestelar.

Nunca fui grande leitor de policiais, com excepção de autores ou de guiões mais agitados, como os de Leslie Charteris, S. S. Van Dine ou Mickey Spillane, e dos próximos do Romance Negro, Raymond Chandler ou Dashiell Hammett, mas a ficção científica atraiu-me desde sempre.

Era um mundo onde eu tinha entrado por volta dos onze ou doze anos, quando era como Bradbury diz que era: um miúdo a olhar para Marte numa noite de Verão, maravilhado. E ao reler agora a *Fundação*, acho que nunca deixei de o ser. De qualquer forma, a criação de universos alternativos, povoados de *robots*, vampiros e naves que se moviam por espaços mais vastos do que a Via Láctea, onde a imaginação, com asas recebidas por uma ciência e tecnologia que avançavam tanto quanto o engenho do autor quisesse, potenciava-me então os sonhos (e os pesadelos), conferindo-lhes novas qualidades.

Isaac Asimov foi um dos grandes arquitectos desses universos e um dos meus guias para os novos mundos que abriam; dele já tinha lido *As correntes do Espaço* (n.º 21 da Argonauta), *As Cavernas de Aço* (n.º 37) e *A Ameaça dos Robots* (n.º 70). *Fundação e Império*, o n.º 86, tinha tudo para me agarrar, como me agarrou naquele sábado de Agosto de 1966, na volta a casa para as férias grandes, olhando a paisagem que corria pelas janelas do comboio até à Granja, a Espinho, a Miramar, a Gaia, ao Porto.

Na *Fundação e Império*, o Império Galáctico, com capital em Tranton, é governado pelo imperador Cleon II e está em decadência: prevendo um longo interregno de barbárie e de caos, Hari Seldon, um sábio, homem de filosofia e ciência dotado de um extraordinário talento matemático, inventara uma nova ciência futuroológica, a Psico-História. Era uma ciência algorítmica que permitia prever o futuro a partir de uma racionalização dos comportamentos dos decisores e das massas humanas.

É antecipando a decadência e a queda do Império que Seldon, seguindo um método de Arca de Noé, estabelece um *brain trust* de homens de ciência e reflexão teórica, uma espécie de guardiães da civilização e da memória colectiva. A ideia é que reúnam numa Enciclopédia Galáctica os segredos da História, da Ciência e da Tecnologia para que a civilização sobreviva ao caos e à barbárie. É a esse *brain trust* que Seldon chama a Fundação. Assim, ao longo da Galáctica e do Império galáctico de Tranton, definem-se várias entidades — o Império em decadência, a Fundação, como alternativa, e os reinos bárbaros. Tal como acontece em muita ficção científica, o primitivo e o moderno juntam-se no que nos lembra uma Alta Idade Média com tecnologia — naves

intergalácticas, energia atômica, armas de destruição maciça a par de estruturas de poder feudais ou monárquico-feudais; Estados que, nas guerras, no comércio, na religião, mantêm entre si uma geometria variável de alianças. Não deixa de ser curioso que não existam, nos clássicos de ficção científica, sociedades democráticas.

No início de *Fundação e Império*, um general inteligente, corajoso e popular, desconfiado e receoso do poder da Fundação e dos riscos que representa para o Império, lança-se numa guerra contra a criação de Seldon. Para o general Bel Riose, Asimov ter-se-á inspirado em Flávio Belisário, também imortalizado por Robert Graves num romance notável — *Conde Belisário*. Belisário foi o célebre bizantino que derrotou os persas e os vândalos, dominou revoltas internas, conquistou e reconquistou meio Mediterrâneo para Bizâncio, do Norte de África à Sicília e a Roma, e foi maltratado pelo seu senhor, o imperador Justiniano.

O miúdo de vinte anos que eu era quando li *Fundação e Império*, fascinou-se com a história de Bel Riose: o homem só perante a decadência. Tentei então encontrar paralelos e modelos desse general reacionário que queria, contra tudo e todos, salvar o Império e que acabava por perder-se. Até porque, ao tempo, Portugal tinha um império: dois milhões de quilómetros quadrados com perto de trinta milhões de habitantes guardados e defendidos por quase 200 000 homens em armas. Tal como Bel Riose, pensava que os impérios eram coisas para defender e guardar para sempre, embora, com alguma lucidez, começasse a entender que os impérios reais, ou se transformavam em nações, ou acabavam. Mas por esse tempo tinha pouca leitura nessas matérias: a minha cultura política era uma cultura muito marcada por leituras de direita e de esquerda radical; e a minha direita era mais revolucionária que nacional. Na altura, lia muito sobre os moribundos impérios europeus — ingleses descolonizando sem problemas, tirando o Quénia e a Rodésia, a longa saga da Argélia Francesa, e nós, que por lá íamos ficando. Depois, aprenderia que, ao contrário de Bel Riose, os generais — Spínola como De Gaulle — serviam para entregar impérios, funcionando como *chapeiros* ou condutores das capitulações.

Mas o livro que aqui está não é ainda a *Fundação e o Império*: é a *Fundação*, a primeira Fundação, o primeiro volume da trilogia que, na edição portuguesa da Argonauta, saiu depois do segundo. É aqui que se

## FUNDAÇÃO

conta a história de Hari Seldon, o filósofo e matemático que, perante a decadência do império Galáctico, elabora uma teoria da História que pretende, não só prever mas prover ao destino e à morte anunciada da civilização e do Império. A ciência que inventa deve muito às então novas ciências da Econometria e da Sociologia quantitativa, espelhando o esforço de tornar científicas as ciências humanas. Para Seldon, a decadência é irremediável, já que o grande império de Tranton é dirigido por elites e governantes de segunda classe, por imperadores degenerados e medíocres e por nobres corruptos e se assiste a uma nítida quebra de inovação e de progresso tecnológico. Após a queda, a sua ciência, a Psico-História, prevê 30 000 anos de caos e barbárie. Mas pelos mesmos cálculos da nova ciência, Seldon descobre que esse tempo pode abreviar-se. É para isso, para salvar os costumes, a tradição e o conhecimento científico e tecnológico da Humanidade, que cria a Fundação, ou melhor, as Fundações, escolhendo dois pontos, dois planetas do sistema galáctico, onde os sábios, com as suas famílias e colaboradores, estabelecem as suas bases de operações.

A história da *Fundação*, que agora se reedita, conta o modo como Hari Seldon, sob a desconfiança dos poderes do Império decadente, consegue estabelecer estas «fundações». Conta também as vicissitudes da primeira fundação, vividas por vários protagonistas, através de sucessivas crises.

Hoje — é a vantagem e a tragédia do tempo que passou por nós e de nós termos passado por ele — vejo toda esta saga de outro modo, com os contornos melancólicos da História acontecida. Nem de propósito, escrevo este prefácio ao largo de Bodrum, a antiga Halicarnasso, a terra de Heródoto, o pai da História. Os historiadores gregos — a começar por Heródoto, e continuando por Tucídides, o fabuloso narrador da *Guerra do Peloponeso*, e pelo reaccionário Xenofonte, até ao capturado e romanizado Políbio — foram os pioneiros das narrativas sobre os espaços políticos, os povos, as cidades-Estado e os impérios. O império para eles era o persa, o império do Grande Rei, que reinava nas terras que circundavam as águas por onde navego nestes últimos dias de Agosto de 2018. São os primeiros textos que tentam compreender os movimentos das sociedades e dos seus chefes.

Era nestas terras de fronteira que, por mar ou por terra, se davam

as incursões e as batalhas onde se conquistavam, reconquistavam e perdiam espaços. Também aqui espartanos e atenienses combatiam pela hegemonia, entre as cidades da Grécia. Este *limes* Leste-Oeste, Oriente-Occidente, era um vaivém de fronteiras variáveis. Era também por estas águas que andavam os mercenários de Xenofonte, contratados por um protagonista da guerra civil que, derrotado, os deixara sem salário nem destino.

Os romanos conquistaram e mantiveram um Império que, entre Zama e a queda de Roma, durou quase setecentos anos. Os militares — os imperadores e césaes — conseguiram prolongá-lo.

Não sei se Asimov pensava a Fundação como uma república comercial, uma Cartago que vencía os militares, ou se o modelo era mesmo a Grã-Bretanha e a América, que então esmagavam sucessivamente os continentais — franceses, alemães, soviéticos. De qualquer modo, na *Fundação*, é a história dos técnico-cientistas, dos psico-históricos, que se conta, enciclopedistas que passam a autarcas, depois a comerciantes e depois a mercadores-príncipes ou príncipes-mercadores, e que vão vencendo os inimigos pela determinação e pela astúcia, manipulando mitos religiosos ou afogando as massas em bens de consumo. Fazem-no também graças a um poder atómico, cujo segredo guardam, e que é a última *ratio* para os menos subtis.

A *Fundação* era, no seu tempo, uma utopia progressista e optimista. Os «bons», os dos *brain trusts* fundados por Seldon, vão sobrevivendo às crises, de acordo com o roteiro da Psico-História, com o próprio Seldon a intervir, de além-túmulo, para diagnósticos e explicações. De certo modo, a lição ou a moral da história — uma extraordinária narrativa que está entre as melhores narrativas de Sci-Fi de sempre — é que a economia e a ideologia dos grandes movimentos impulsionam e comandam a História e que os protagonistas pessoais, bons ou maus, não podem muito contra estes grandes movimentos.

Terá sido assim? Será assim? O século xx, com Lenine e Hitler, não se pôde dar ao luxo de desprezar o papel dos líderes. E hoje? Nos dois últimos anos, desde 2016, numa réplica ou adenda à profecia de Spengler, os «novos césaes» parecem estar a desafiar os grandes movimentos do dinheiro, dos recursos, dos mercadores, da ideologia hegemónica. A Economia parece estar a deixar de comandar a Política,

## FUNDAÇÃO

e a Academia, alienada aos valores da correcção política que dominam igualmente os fabricantes da opinião pública, parece estar a distanciar-se perigosamente das massas. Os povos, esses, estão a descobrir e a apoiar «novos césores», Bel Rioses bem-sucedidos e em versão pós-moderna, empenhados no restabelecimento dos impérios e na reafirmação da precedência da Política — Xi Jinping, Putin, Donald Trump, Erdogan, Salvini.

Nada disto, entretanto, retira encanto e originalidade à trilogia de Asimov, um encanto que redescobri ao relê-la neste Verão de 2018. E a ficção, a boa ficção, com os seus universos paralelos, tem também sempre o encanto acrescido de nos ajudar a reflectir sobre o o passado, o presente e o futuro do mundo em que vivemos.

Agosto de 2018  
Jaime Nogueira Pinto



# PRIMEIRA PARTE

PSICO-HISTORIADORES

**HARI SELDON** — ... nasceu no ano 11 988 da Era Galáctica; morreu em 12 069. As datas são mais comumente dadas em termos da atual Era Fundacional como — 79 para o ano 1 E. F. Nascido de pais da classe média em Helicon, no setor Arcturus (onde o seu pai, numa lenda de autenticidade duvidosa, era produtor de tabaco nas instalações hidropónicas do planeta), cedo revelou uma capacidade espantosa para a matemática. As histórias acerca da sua capacidade são inúmeras, e algumas são contraditórias. Aos dois anos de idade, diz-se que ele...

... As suas maiores contribuições foram, sem dúvida, na área da psico-história. Seldon encontrou a área como um conjunto de axiomas vagos; deixou-a como uma profunda ciência estatística...

... A maior autoridade existente que temos relativamente aos detalhes da sua vida é a biografia escrita por Gaal Dornick, que na sua juventude conheceu Seldon dois anos antes da morte do grande matemático. A história desse encontro...

### **ENCICLOPÉDIA GALÁCTICA\***

\* Todas as citações da Enciclopédia Galáctica aqui reproduzidas foram retiradas da 116.<sup>a</sup> Edição publicada em 1020 E. F. pela Encyclopedia Galactica Publishing Co., Terminus, com autorização dos editores.



**C**hamava-se Gaal Dornick e era apenas um rapaz da província que nunca antes vira Trantor. Isto é, não na vida real. Vira-o muitas vezes no hipervídeo e, ocasionalmente, em formidáveis emissões noticiosas tridimensionais na cobertura de uma Coroação Imperial ou na abertura de um Conselho Galáctico. Apesar de ter vivido toda a sua vida no mundo de Synnax, que girava à volta de uma estrela nos confins da Imensidão Azul, não estava isolado da civilização. Nesse tempo, nenhum lugar da Galáxia estava.

Havia então quase vinte e cinco milhões de planetas desabitados na Galáxia, e não havia um único que não devesse fidelidade ao Império, cuja sede era em Trantor. Foi o último meio século em que isso se pôde dizer.

Para Gaal, esta viagem era o indiscutível culminar da sua vida de jovem estudioso. Estivera anteriormente no espaço, pelo que aquela viagem, como viagem e nada mais, pouco significado tinha para ele. Na verdade, anteriormente, ele viajara apenas até ao único satélite de Synnax a fim de obter dados sobre a mecânica da deriva dos meteoros, de que precisava para a sua dissertação, mas viajar no espaço era uma coisa quando se tratava de oitocentos mil quilómetros e outra quando se tratava de muitos anos-luz.

Apenas se contraíra um pouco antes do Salto no hiperespaço, um fenómeno por que não se passava em simples viagens interplanetárias. O Salto permanecia, e permaneceria provavelmente para sempre, o único método prático de viajar entre as estrelas. Viajar através do espaço vulgar não poderia fazer-se a uma velocidade maior do que a da

luz vulgar (uma porção do conhecimento científico que estava entre as coisas já conhecidas desde os alvores esquecidos da história humana), e isso teria significado anos de viagem mesmo entre os sistemas habitados mais próximos. Através do hiperespaço, essa região inimaginável que não era espaço nem tempo, nem matéria nem energia, nem alguma coisa nem coisa nenhuma, poder-se-ia atravessar a toda a extensão da Galáxia no intervalo entre dois instantes de tempo contíguos.

Gaal esperara pelo primeiro desses saltos com um pequeno pavor enrolado no estômago, e ele acabara por não ser mais do que uma insignificante sacudidela, um pequeno coice interior que terminou um instante antes de poder ter tido a certeza de que a sentira. Foi tudo.

E depois disso, houve apenas a nave, grande e resplandecente; o frio resultado de 12 000 anos de progresso imperial; e ele próprio, como o seu recém-obtido doutoramento em Matemática e um convite do grande Hari Seldon para vir a Trantor e juntar-se ao vasto e de alguma forma misterioso Projeto Seldon.

Aquilo por que Gaal esperava, depois do desapontamento do Salto, era a primeira visão de Trantor. Rondava a Sala Panorâmica. As persianas de aço eram recolhidas em ocasiões anunciadas e ele estava lá sempre, observando o brilho duro das estrelas, apreciando o incrível enxamear nebuloso de uma aglomeração de estrelas, como uma conglomeração gigantesca de pirilampos apanhados em movimento e imobilizados para sempre. Uma vez, houve o fumo frio, azul-esbranquiçado, de uma nebulosa gasosa a cinco anos-luz da nave, espalhando-se sobre a janela como um leite distante, enchendo a sala de uma tonalidade gelada, e desaparecendo da vista duas horas depois, após um outro Salto.

A primeira visão do sol de Trantor foi a de um espectro duro e branco, perdido numa miríade de outros e apenas reconhecível porque era indicado pelo guia da nave. As estrelas eram densas aqui, perto do centro Galáctico. Mas a cada salto, ele brilhava mais intensamente, afogando as restantes, empalidecendo-as e diluindo-as.

Apareceu um oficial e disse: «A Sala Panorâmica encerrará durante o resto da viagem. Preparem-se para aterrar.»

Gaal seguiu-o, agarrando-lhe a manga do uniforme branco com a Nave Espacial e o Sol do Império.

Disse-lhe:

— Seria possível deixar-me ficar? Gostaria de ver Trantor.

O oficial sorriu e Gaal corou um pouco. Ocorreu-lhe que falava com um sotaque provinciano.

O oficial disse:

— Aterraremos em Trantor pela manhã.

— Eu quero é vê-la do Espaço.

— Oh, lamento, meu rapaz. Se isto fosse um iate-espacial, poder-se-ia arranjar. Mas estamos a descer em rotação do lado do sol. Não iria querer ficar cego, queimado, e marcado pela radiação, tudo ao mesmo tempo, pois não?

Gaal começou a afastar-se.

O oficial chamou-o.

— De qualquer modo, Trantor seria apenas um borrão cinzento, Miúdo. Porque não faz uma visita-espacial quando chegar a Trantor? São baratas.

Gaal olhou para trás.

— Muito obrigado.

Era infantil sentir-se desapontado, mas o infantilismo aparece quase tão naturalmente num homem como numa criança, e havia um nó na garganta de Gaal. Nunca vira Trantor estender-se em toda a sua incredibilidade, grande como a vida, e não esperara ter de aguardar mais.



**A**nave aterrou entre uma miscelânea de ruídos. Havia o silvo longínquo da atmosfera a dividir-se e a deslizar pelo metal da nave. Havia o zumbido constante dos condicionadores a combater o calor da fricção, e o ressoar mais baixo dos motores a forçar a desaceleração. Havia o ruído humano de homens e mulheres a juntarem-se nas salas de desembarque e o chiar dos guinchos a içarem bagagens, correio e carga para o longo eixo da nave, de onde seriam mais tarde mudadas para a plataforma de descarga.

Gaal sentiu a leve sacudidela indicativa de que a nave já não se movia independentemente. A gravidade da nave há horas que dava lugar à gravidade planetária. Milhares de passageiros tinham estado pacientemente sentados nas salas de desembarque, que oscilavam facilmente nos campos de força produzidos para adaptar a sua orientação à direção inconstante das forças gravitacionais. Agora formigavam pelo arco das rampas descendentes até às grandes comportas escancaradas.

A bagagem de Gaal era mínima. Perfilou-se diante de uma secretária enquanto ela era rápida e agilmente separada e depois de novo reunida. O seu visto foi examinado e carimbado. Ele próprio não prestou atenção.

Isto era Trantor! O ar parecia um pouco mais denso aqui, a gravidade um pouco maior do que no seu planeta natal de Synnax, mas acostumar-se-ia a isso. Perguntou a si mesmo se iria habituar-se à imensidão.

O Edifício de Desembarque era formidável. O telhado quase se perdia nas alturas. Gaal quase podia imaginar que as nuvens se poderiam

formar debaixo da sua imensidão. Não conseguia ver nenhuma parede do outro lado; apenas homens e secretárias e o chão que se estreitava até desaparecer numa névoa.

O homem à secretária estava novamente a falar. Parecia aborrecido.

Disse:

— Mexa-se, Dornick.

Teve de abrir o visto, olhar outra vez, antes de se recordar do nome.

Gaal disse:

— Onde... onde...

O homem da secretária fez saltar um polegar:

— Táxis para a direita e terceira à esquerda.

Gaal moveu-se, vendo os reverberantes remoinhos de ar suspensos do nada nas alturas, onde se lia: «TÁXIS PARA TODOS OS PONTOS».

Uma figura destacou-se do anonimato e deteve-se junto da secretária, quando Gaal saiu. O homem da secretária levantou os olhos e fez um breve aceno de cabeça. A figura, por sua vez, assentiu e seguiu o jovem imigrante.

Chegou a tempo de ouvir o destino de Gaal.

Gaal deu por si firmemente encostado a uma vedação.

A pequena tabuleta dizia «Supervisor». O homem a quem a tabuleta se referia não levantou os olhos. Disse:

— Para onde?

Gaal não tinha a certeza, mas até mesmo uns poucos segundos de hesitação significavam mais homens a fazer fila atrás dele.

O Supervisor levantou os olhos:

— Para onde?

Os fundos de Gaal eram escassos, mas era apenas esta única noite e depois teria um emprego. Tentou parecer indiferente:

— Um bom hotel, por favor.

O Supervisor ficou impassível.

— São todos bons. Diga-me um.

Gaal disse, em desespero:

— Para o mais próximo, por favor.

O Supervisor premiu um botão. Uma fina linha de luz formou-se ao longo do chão, retorcendo-se por entre outras que mudavam de intensidade em diferentes cores e tonalidades. Um bilhete foi enfiado nas mãos de Gaal. Reluzia tenuemente.

O Supervisor disse:

— Um ponto doze.

Gaal tateou à procura de moedas. Disse:

— Para onde vou?

— Siga a luz. O bilhete continuará a brilhar enquanto seguir na direção certa.

Gaal levantou os olhos e começou a caminhar. Havia centenas a arrastar-se ao longo do vasto pavimento, esgueirando-se e filtrando-se através de pontos de interseção para chegar aos seus respetivos destinos.

O seu caminho chegou ao fim. Um homem com um gritante uniforme azul e amarelo de plastotêxtil imaculável, brilhante e novo, pegou nas suas duas malas.

— Linha direta para o Luxor — disse ele.

O homem que seguia Gaal ouviu isto. Também ouviu Gaal dizer «Ótimo», e viu-o entrar no veículo de nariz arredondado.

O táxi descolou a direita. Gaal olhou pela janela curva e transparente, maravilhando-se com a sensação de voar no interior de uma estrutura fechada e agarrando-se instintivamente às costas do banco do condutor. A vastidão contraiu-se e as pessoas tornaram-se formigas distribuídas ao acaso. O cenário contraiu-se ainda mais e começou a deslizar para trás.

Havia uma parede à frente. Começava no meio do ar, bem alto, e ascendia para fora do campo de visão. Estava crivada de buracos que eram entradas de túneis. O táxi de Gaal dirigiu-se a uma delas, e depois mergulhou nela. Por um momento, Gaal perguntou-se, ociosamente, como é que o motorista conseguiu escolher uma entre tantas.

Agora apenas havia escuridão, sem mais nada a não ser a réstia de luz de um semáforo colorido para diminuir a obscuridade. O ar estava cheio de um ruído de correria.

Gaal inclinou-se então para diante para contrariar a desaceleração, e o táxi saiu do túnel e desceu uma vez mais para o nível do solo.

## FUNDAÇÃO

— O Hotel Luxor — disse o motorista, desnecessariamente. Ajudou Gaal com a bagagem, aceitou uma gorjeta com ar de homem de negócios, apanhou um passageiro que estava à espera e subiu de novo.

Em tudo isto, desde o momento do desembarque, não houve qualquer vislumbre de céu.

**TRANTOR** — ... No início do décimo terceiro milénio, esta tendência atingiu o auge. Como centro do Governo Imperial durante centenas de gerações ininterruptas e localizado, como era, na direção das regiões centrais da Galáxia, entre os mundos do sistema mais densamente povoados e mais industrialmente avançados, não podia evitar ser o mais denso e rico coágulo da Humanidade que a Raça jamais vira.

A sua urbanização, em progresso constante, atingira finalmente a fase derradeira. Toda a superfície terrestre de Trantor, 200 000 000 de quilómetros quadrados de extensão, era uma única cidade. A população, no seu auge, excedia muito os quarenta mil milhões. Esta enorme população dedicava-se quase inteiramente às necessidades administrativas do Império, e todos pareciam poucos para as complicações da tarefa. (Deve recordar-se que a impossibilidade de uma administração adequada do Império Galáctico sob a desinspirada liderança dos últimos Imperadores foi um fator considerável na Queda.) Diariamente, frotas de naves na ordem das dezenas de milhares traziam a produção de vinte mundos agrícolas para as mesas do jantar de Trantor...

A dependência dos mundos exteriores em relação à alimentação e, na verdade, a todas as necessidades da vida, tornaram Trantor crescentemente vulnerável à conquista pelo cerco. No último milénio do Império, as revoltas monotonamente numerosas tornaram cada imperador, um após outro, consciente disso, e a política imperial tornou-se pouco mais do que a proteção da delicada veia jugular de Trantor...

## **ENCICLOPÉDIA GALÁCTICA**



**G**aal não tinha a certeza se o sol brilhava, ou se era dia ou noite. Tinha vergonha de perguntar. Todo o planeta parecia viver sob metal. A refeição da qual ele tomara parte fora chamada almoço, mas havia muitos planetas que viviam uma escala de tempo padrão que não tinha em conta a talvez inconveniente alternância entre o dia e a noite. O ritmo de rotações planetárias diferia, e ele não conhecia o de Trantor.

Inicialmente, seguiu ansiosamente as tabuletas para o «Solário» e deparou com uma sala para se aquecer sob radiação artificial. Permaneceu lá uns instantes e depois regressou ao átrio principal do Luxor.

Disse ao empregado de quarto:

— Onde posso comprar um bilhete para uma visita planetária?

— Aqui mesmo.

— Quando terá início?

— Acabou de a perder. Amanhã haverá outra. Compre um bilhete agora e reservar-lhe-emos um lugar.

— Oh.

Amanhã seria tarde de mais. Amanhã teria de estar na Universidade. Disse:

— Não haverá uma torre de observação... ou qualquer coisa do género? Isto é, a céu aberto.

— Claro! Vendo-lhe um bilhete para isso, se quiser. É melhor deixar-me verificar se está a chover ou não.

Uniu um contacto no cotovelo e leu o fluxo de letras que passaram por um ecrã gelado. Gaal leu com ele.

O empregado disse:

— Tempo bom. Agora que penso nisso, creio que estamos agora na estação seca. — Acrescentou, fazendo conversa: — Eu não me importo muito com o exterior. A última vez que estive ao ar livre foi há três anos. Vê-se uma vez, sabe, e pronto... Aqui tem o seu bilhete. Elevador especial lá atrás. Está assinalado «Para a Torre». Tome-o.

O elevador era do novo tipo que se move por repulsão gravítica. Gaal entrou e outros seguiram atrás dele. O operador uniu um contacto. Por um momento, Gaal sentiu-se suspenso no espaço quando a gravidade mudou para zero, e depois voltou a ter um pouco de peso quando o elevador acelerou para cima. Seguiu-se a desaceleração e os pés ergueram-se acima do chão. Grasnou contra sua vontade.

O operador fez-se ouvir:

— Meta os pés debaixo do gradeamento. Não consegue ler a tabuleta?

Os outros tinham-no feito. Sorriam-lhe enquanto tentava louca e inutilmente descer pela parede. Com os sapatos comprimidos para cima contra o gradeamento cromado que se estendia pelo chão em linhas paralelas a 60 centímetros de distância. Reparara no gradeamento quando entrou e ignorara-o.

Então, uma mão alcançou-o e puxou-o para baixo.

Arquejou um agradecimento enquanto o elevador se imobilizava.

Saiu para um terraço aberto banhado por um brilho branco que lhe fez doer os olhos. O homem, de cujo auxílio acabara de beneficiar, estava imediatamente por trás dele.

O homem disse, gentilmente:

— Há imensos lugares.

Gall cerrou os lábios; estivera de boca aberta; e disse:

— Assim parece, na verdade.

Avançou para eles automaticamente, depois parou.

Disse:

— Se não se importa, vou deter-me um pouco na vedação. Eu... quero olhar um pouco.

O homem assentiu com um gesto, bem-humorado, e Gaal inclinou-se sobre a vedação da altura dos ombros e deixou-se banhar pelo panorama.

Não conseguia ver o solo. Estava perdido nas sempre crescentes complexidades das estruturas feitas pelo homem. Não conseguia ver outro horizonte senão o do metal contra o céu, estendendo-se num cinzento quase uniforme, e sabia que era assim sobre toda a superfície terrestre do planeta. Quase não havia movimento que se avistasse — algumas naves de lazer preguiçavam no céu —, mas o tráfego atarefado de milhares de milhões de homens decorria naquele momento, sabia ele, por baixo da pele metálica do mundo.

Não havia nenhum verde à vista; nenhum verde, nenhum solo, nenhuma vida para além do homem. Algures no mundo, percebeu ele vagamente, estava o palácio do imperador, instalado entre 250 quilómetros quadrados de solo natural, verde das árvores, irisada de flores. Era uma pequena ilha entre um oceano de aço, mas não era visível de onde ele estava. Poderia ser a dezasseis mil quilómetros de distância. Ele não sabia.

Tinha de fazer uma visita, quanto antes!

Bocejou ruidosamente, e percebeu finalmente que estava, por fim, em Trantor; no planeta que era o centro de toda a Galáxia e o cerne da raça humana. Não viu nenhuma das suas fraquezas. Não viu aterrar nenhuma nave com alimentos. Não tinha noção de uma veia jugular que ligava delicadamente dos quarenta mil milhões de Trantor com o resto da Galáxia. Tinha apenas consciência do mais poderoso feito do homem; a conquista final e quase desdenhosa de um mundo.

Afastou-se com uma expressão um pouco vazia. O seu amigo do elevador indicou-lhe um lugar ao seu lado e Gaal ocupou-o.

O homem sorriu.

— Chamo-me Jerril. É a primeira vez que está em Trantor?

— Sim, Sr. Jerril.

— Achei que sim. Jerril é o meu nome próprio. Trantor cativa-nos se tivermos um temperamento poético. Embora os trantorianos nunca venham até cá acima. Não gostam. Faz-lhes nervos.

— Nervos!... Chamo-me Gaal, já agora. Porque haveria de lhes fazer nervos? É soberbo.

— Uma questão de opinião subjetiva, Gaal. Se tiver nascido num cubículo e crescido num corredor, se trabalhar numa cela, e tiver férias num solário apinhado de gente, subir até ao ar livre sem mais nada a não

ser o céu acima de si poderá provocar-lhe uma crise de nervos. Fazem as crianças vir até aqui uma vez por ano, depois de terem feito cinco anos. Não sei se lhes faz algum bem. Na realidade, não têm o suficiente disso, e nas primeiras vezes gritam histericamente. Deviam começar logo que fossem desmamados e fazer a viagem uma vez por semana.

Continuou:

— É claro que isso realmente não interessa. E se eles nunca viessem de todo? Estão felizes lá em baixo e governam o Império. Quão alto é que acha que estamos?

Ele disse:

— Mil metros?

Perguntou-se se isto pareceria ingénuo.

Deve ter parecido, pois Jerril riu um pouco. Disse:

— Não. Apenas cento e cinquenta metros.

— O quê? Mas o elevador demorou cerca de...

— Eu sei. Mas durante a maior parte do tempo estive apenas a chegar ao nível do solo. Trantor tem túneis a mais de um quilómetro e meio de profundidade. É como um icebergue. Nove décimos do planeta estão ocultos. Prolonga-se mesmo alguns quilómetros sob o solo oceânico ao longo da costa. Na verdade, estamos tão lá em baixo que podemos utilizar a diferença de temperatura entre o nível do solo e um par de quilómetros abaixo para nos abastecer de toda a energia de que precisamos. Sabia disso?

— Não, pensava que usavam geradores atômicos.

— Em tempos, sim. Mas isto é mais barato.

— Imagino que sim.

— O que acha disto tudo? — Por um momento, a disposição gentil do homem evaporou-se para dar lugar à astúcia. Parecia quase malicioso. Gaal ficou atrapalhado.

— Soberbo — disse ele, de novo.

— Está cá de férias? Anda a viajar? A ver as vistas?

— Não exatamente.... Pelo menos, sempre quis visitar Trantor, mas vim cá em primeiro lugar pelo emprego.

— Oh?

Gaal sentiu-se obrigado a explicar um pouco mais.

— No projeto do Dr. Seldon na Universidade de Trantor.

## FUNDAÇÃO

— Corvo Seldon?

— Oh, não. Aquele a que me refiro é Hari Seldon... O psico-historiador Seldon. Não conheço nenhum Corvo Seldon.

— Refiro-me a Hari. Chamam-lhe Corvo. É alcunha, percebe? Está sempre a prever um desastre.

— Está? — Gaal estava genuinamente espantado.

— Certamente, deve saber. — Jerril não sorria. — Vem trabalhar para ele, não vem?

Bem, sim, sou matemático. Porque prevê ele um desastre? Que tipo de desastre?

— De que tipo acha que são?

— Receio que não faça a mínima ideia. Tenho lido os relatórios que o Dr. Seldon e o seu grupo têm publicado. São sobre teoria matemática.

— Sim, os que eles publicam.

Gaal sentiu-se aborrecido. Disse:

— Acho que vou agora para o meu quarto. Muito gosto em conhecê-lo.

Jerril disse adeus com um gesto indiferente.

Gaal encontrou um homem à espera dele no quarto. Por um momento, ficou demasiadamente surpreendido para articular o inevitável «O que está a fazer aqui?» que lhe veio aos lábios.

O homem ergueu-se. Era velho e quase calvo e coxeava ao andar, mas os seus olhos eram muito brilhantes e azuis.

Disse «Sou Hari Seldon», um instante antes de o cérebro atordoado de Gaal ter colocado o rosto em linha com a recordação das muitas vezes que o vira em fotografias.

**PSICO-HISTÓRIA** — ... Gaal Dornick, usando conceitos não matemáticos, definiu a psico-história como sendo o ramo da matemática que trata das reações dos conglomerados humanos a estímulos sociais e económicos...

... Implícita em todas estas definições está a assunção de que o conglomerado humano a ser tratado é suficientemente grande para um tratamento estatístico válido. A dimensão necessária de um tal conglomerado pode ser determinada pelo Primeiro Teorema de Seldon, que... Uma outra assunção necessária é que o conglomerado humano não tenha ele próprio consciência da análise psico-histórica para que as suas reações sejam verdadeiramente aleatórias...

A base de toda a psico-história válida reside no desenvolvimento das funções de Seldon que ostentem propriedades congruentes com as de tais forças sociais e económicas como...

## **ENCICLOPÉDIA GALÁCTICA**



# 4

— **B**oa tarde — disse Gaal. — Eu... eu...  
— Achou que não nos encontraríamos antes de amanhã? Normalmente, não nos teríamos encontrado. Só que, se vamos utilizar os seus serviços, temos de trabalhar depressa. É cada vez mais difícil arranjar recrutas.

— Não compreendo.

— Esteve a falar com um homem na torre de observação, não esteve?

— Sim. O seu primeiro nome é Jerril. Não sei mais nada acerca dele.

— O seu nome não interessa. É um agente da Comissão de Segurança Pública. Seguiu-o desde o espaço-porto.

— Mas porquê? Tenho medo e estou muito confuso.

— O homem da torre não disse nada acerca de mim?

Gaal hesitou.

— Referiu-se-lhe como Corvo Seldon.

— E ele disse porquê?

— Disse que o senhor previa um desastre.

— É verdade... O que significa Trantor para si?

Toda a gente parecia pedir-lhe a sua opinião sobre Trantor. Gaal sentia-se incapaz de outra resposta para além da simples palavra «Soberbo».

— Diz isso sem pensar. E a psico-história?

— Não pensei em aplicá-la ao problema.

— Jovem, antes de acabarmos os dois, vai aprender a aplicar a psico-história a todos os problemas como rotina... Observe. — Seldon retirou a calculadora da bolso do cinto. Diziam que mantinha uma debaixo

da almofada para usar nos momentos de vigília. A sua capa cinzenta e brilhante estava ligeiramente gasta pelo uso. Os dedos ágeis de Seldon, agora pintalgados pela idade, percorriam os ficheiros e filas de botões que cobriam a sua superfície. Símbolos vermelhos recortavam-se brilhantes na parte superior.

Disse:

— Isto representa o estado do Império neste momento.

Esperou.

Gaal disse, por fim:

— Certamente isto não é uma representação completa.

— Não, completa não — disse Seldon. — Fico contente por não aceitar a minha palavra cegamente. Contudo, isto é uma aproximação que servirá para demonstrar a proposição. Aceitará isso?

— Sim, sujeita à minha posterior verificação da derivação da função. — Gaal evitava cuidadosamente uma possível armadilha.

— Ótimo. Acrescente a isto a possibilidade conhecida de assassínio imperial, revolta vice-real, a recorrência contemporânea de períodos de depressão económica, o declínio da taxa de explorações planetárias, o...

Ele continuou. A cada tópico mencionado, novos símbolos ganhavam vida ao seu toque, e fundiam-se com a função básica que se expandia e transformava.

Gaal deteve-o apenas uma vez.

— Não vejo a validade dessa transformação do conjunto.

Seldon repetiu-a mais lentamente.

Gaal disse:

— Mas isso é feito por via de uma sócio-operação proibida.

— Belo. É rápido, mas ainda não suficientemente rápido. Não é proibida nesta ligação. Deixe-me fazê-la através de expansões.

O procedimento era muito mais longo e, no seu final, Gaal disse, humildemente:

— Sim, agora estou a ver.

Por fim, Seldon parou.

— Isto é Trantor daqui a três séculos. Como interpreta isto? Eh? — Inclinou a cabeça para um lado e esperou.

Gaal disse, com incredulidade:

— Destruição total! Mas... mas isso é impossível. Trantor nunca foi...

Seldon estava cheio da intensa excitação de um homem em que só o corpo envelhecera.

— Ora, ora. Viu como se chegou ao resultado. Ponha isso em palavras. Esqueça o simbolismo por um momento.

Gaal disse:

— À medida que Trantor se torna mais especializado, torna-se mais vulnerável, menos capaz de se defender. Depois, à medida que se torna cada vez mais o centro administrativo do Império, torna-se um troféu cada vez mais maior. À medida que a sucessão imperial se torna cada vez mais incerta, e as contendas entre as grandes famílias mais desenfreadas, a responsabilidade social desaparece.

— Chega. E quanto à probabilidade numérica de destruição total dentro de três séculos?

— Não saberia dizer.

— Sabe seguramente executar uma diferenciação de campo?

Gaal sentiu-se sob pressão. A calculadora não lhe foi oferecida. Foi-lhe exibida a dois palmos dos olhos. Fez cálculos furiosamente e sentiu a testa humedecer com suor.

Disse:

— Cerca de 85%?

— Nada mau — disse Seldon, espetando o lábio inferior —, mas não excelente. O número real é 92,5%.

Gaal disse:

— E então chamam-lhe Corvo Seldon? Não vi nada disto nas revistas.

— Mas claro que não. Isto não é passível de ser impresso. Acha que o Império poderia expor a sua precariedade assim? Mas alguns dos nossos resultados chegaram ao conhecimento da aristocracia.

— Isso é mau.

— Não necessariamente. Tudo é tomado em conta.

— Mas isso é a razão de eu estar a ser investigado?

— Sim. Tudo acerca do meu projeto está a ser investigado.

— O senhor corre perigo?

— Oh, sim. Existe uma probabilidade de 1,7% de eu vir a ser

executado, mas claro que isso não interromperá o projeto. Também tomámos isso em conta. Bem, não importa. Irá encontrar-se comigo, suponho, amanhã na Universidade?

— Sim, irei — disse Gaal.